



Cruzar por dentro de riachos ou enfrentar longas caminhadas a pé fazem parte do dia-a-dia daqueles que se esforçam para freqüentar os primeiros anos de instrução em escolas rurais



O difícil acesso às escolas rurais

Alunos e professores enfrentam os mais diversos tipos de obstáculos para conseguir chegar a algumas escolas

ROVÉNIA AMORIM

Eles enfrentam a chuva e a lama, o sol do meio-dia, enchentes e longas caminhadas por estradas e trilhas. Esta dura realidade faz parte da rotina de professores e alunos das 102 escolas rurais do Distrito Federal. Muitas crianças em idade escolar não freqüentam aulas porque simplesmente não têm estrutura física para chegar à escola. Em várias localidades, inexistem ônibus escolares. Dezenas de professores desistem das escolas por causa do difícil acesso. A carência na zona rural é de 185 professores.

De acordo com a Fundação Educacional, 18 escolas rurais ligadas às regionais de ensino de Brazlândia, Gama, Núcleo Bandeirante, Planaltina e Taguatinga são as mais problemáticas. "Não podemos obrigar os professores a aceitarem as escolas que têm carência, porque eles pedem exoneração mesmo", ressalta Norma Pereira Nascimen-

to, chefe da Seção de Lotação e Movimento de Pessoal da FEDF.

Segundo ela, muitos professores passam dias procurando as escolas onde foram lotados e retornam à Seção sem encontrá-las. "O ideal seria o professor morar próximo à zona rural onde está a escola, mas isso é raríssimo", afirma Norma. A reportagem do Jornal de Brasília enfrentou a difícil missão de tentar chegar até algumas dessas escolas. Para encontrar a Escola Classe Córrego das Corujas (zona rural de Taguatinga), a 40 quilômetros da rodoviária do Plano Piloto, foram necessários 130 quilômetros de procura.

Sem sinalização nas estradas e mesmo com a utilização de mapas, a chance maior de acertar o caminho é perguntar à vizinhança. O professor Jafé Fontenele, da Escola Classe Jibóia (zona rural de Taguatinga) passou pela experiência. "Peguei um mapa e vim perguntando. Foi demorado. Mesmo com o mapa é complicado", contou.

Professor se apega à comunidade

Mesmo situada à beira da rodovia, de fácil localização, a Escola Classe Vendinha, (zona rural de Brazlândia) a 53 quilômetros do Plano Piloto, também é de difícil acesso para os professores que não têm carro. É o caso da professora Cláudia Simone, que mora no Guará. "Pego ônibus até a Vila São José, ponto final da linha. Quando não ganho carona de algum professor, ou de pessoas da comunidade, tenho que andar uns cinco quilômetros", diz.

Apesar da dificuldade de locomoção, ela garante que não pretende sair da escola. "Tenho cinco anos aqui e gosto muito da comunidade". O professor Ildefonso Marques de Alcântara também concorda. "Acho que esta escola é benvida. A Vendinha é a única do DF que ninguém quer sair".

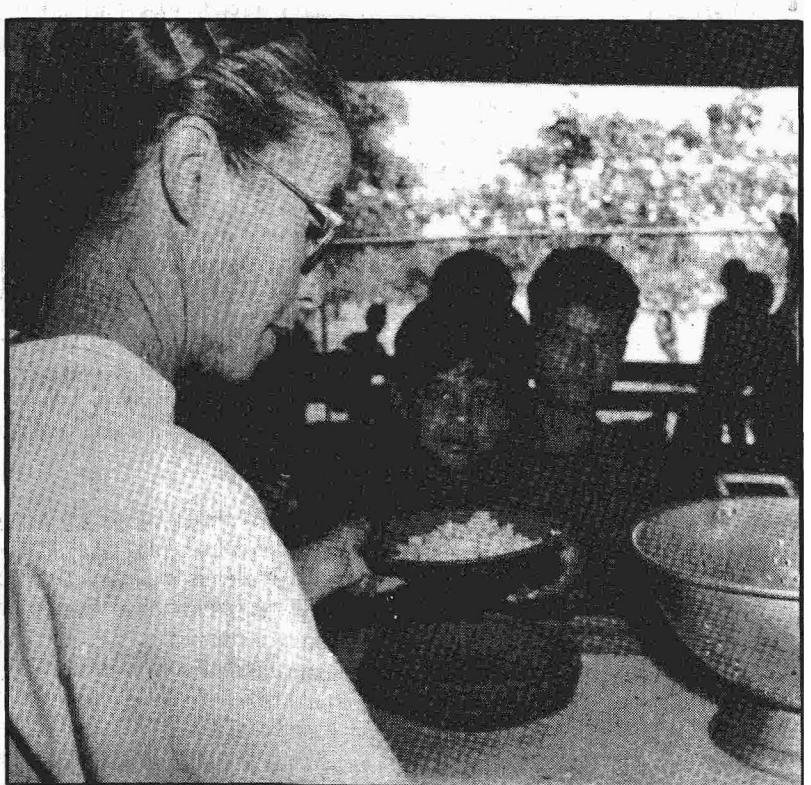
O apego aos alunos da comunidade e ao trabalho diferente desenvolvido em uma escola da zona rural são o que motivam a professora e também diretora, Guiomar Duar-



Crianças gostam da escola mas algumas são obrigadas a desistir

te Porto, da Escola Classe Jibóia (zona rural de Taguatinga), a 61 quilômetros de Brasília. "Antes de vir o novo professor para cá, que me dá carona, durante sete anos andei diariamente dois quilômetros", contou. "Quando terminar o contrato temporário dele, se o outro professor não tiver carro, vou ter que voltar a andar a pé", acrescentou.

Desistência — Depois de dois anos dando aula na Escola Classe Sobradinho dos Melo (zona rural de Sobradinho), a professora Elis Regina Borges não pensou duas vezes e pediu remoção para uma escola da zona urbana. "Tinha que acordar muito cedo para pegar o ônibus. Além disso, era complicado voltar. O último ônibus passava às 13h00 e eu saía da escola às 16h00. Acabava tendo que pagar a um pai de aluno para me deixar no Posto Colorado (entrada de Sobradinho) para só então tomar um coletivo até minha casa". (R.A.)



A grande maioria dos alunos rurais estuda apenas quatro anos